

Projeto @MundoMisioneiro
Filipi Gomes de Pompeu

A chave de São Nicolau



Ilustrações

Rebeca Armus

Produção

#Consertandoainternet

2025

O Livro: A Chave de São Nicolau foi desenvolvido com recursos provenientes da Lei Paulo Gustavo (nº 195/2022), reafirmando o compromisso com o fortalecimento e a democratização do acesso à cultura.

Este projeto conta com o apoio institucional do Governo Federal e da Prefeitura de São Nicolau, que, por meio de suas marcas oficiais, evidenciam o investimento público nas artes e na promoção do patrimônio cultural.

Iniciativas como esta demonstram a importância de políticas públicas voltadas para a cultura, contribuindo para o desenvolvimento regional e ampliando as oportunidades de acesso à história e à arte para toda a população.



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Título

A Chave de São Nicolau
Projeto Mundo Missioneiro 2025

Texto

Filipi Gomes Pompeu

Licenciado e Bacharel em História pela PUCRS, em 2012. Mestre e Doutor em História pela PUCRS em 2015 e 2021, respectivamente. Arqueólogo pela UPF (curso reconhecido pelo IPHAN através do memorando n 0352/2017/CNA/DEPAM/IPHAN), em 2018. Pós-Doutor em Antropologia pela UFPEL (2021). É atualmente Chefe do Parque Histórico Nacional das Missões, em São Miguel das Missões/RS.

Ilustrações

Rebeca Armus

Diagramação, produção e divulgação

Estevão Figueiras

#consertandoainternet

Projeto @MundoMisioneiro
Filipi Gomes de Pompeu



A chave de São Nicolau

Ilustrações

Rebeca Armus

Produção

#Consertandoainternet

Agradecimento

Antonio Carlos Lourenço

Índice: A Chave de São Nicolau

Capítulo 1: A chave enferrujada	5
Capítulo 2: Os Guaranis	8
Capítulo 3: Os jesuítas e as Reduções	10
Capítulo 4: Roque González e Concepción	15
Capítulo 5: Céspedes e fundação de San Nicolás del Piratini	18
Capítulo 6: A invasão bandeirante	22
Capítulo 7: O cotidiano de San Nicolás del Piratini	25
Capítulo 8: A migração	29
Capítulo 9: O retorno e a fundação da 2ª San Nicolás	32
Capítulo 10: A vida na 2ª San Nicolás: chegada	35
Capítulo 11: A vida na 2ª San Nicolás: urbanização, casas e cabildo	38
Capítulo 12: A vida na 2ª San Nicolás: igreja, casa dos padres, oficina, cotiguaçu e cemitério	43
Capítulo 13: A vida na 2ª San Nicolás: rotina, festas e celebrações	49
Capítulo 14: A Guerra Guaranítica e a expulsão dos Sete Povos	53
Capítulo 15: O roubo das igrejas e a criação das ruínas	57
Capítulo 16: Uma porta se abre	61

1

A chave enferrujada



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Introdução: A chave enferrujada

A chave de São Nicolau

Era cedo de manhã quando a luz do sol tocou as folhas da figueira que mora amarrada nas pedras do Arco do Cabildo, em São Nicolau. Poty¹ estava voltando para casa com um pacote de erva-mate para sua avó Ara'i², quando viu algo saindo do chão.

Se abaixou e encontrou uma chave enorme! Ara'i estava olhando a chaleira esquentar no fogão a lenha quando Poty entrou em casa correndo:



1 - Poty - Se fala "Potãñ", e significa "Flor" em Guarani.

2 Ara'i - Significa "Nuvem".

Introdução: A chave enferrujada

- Vó! Vó Ara'i! Olha só o que eu encontrei!
Ela também ficou surpresa quando Poty lhe entregou a chave enferrujada nas mãos.

- Olha só o tamanho dessa chave, Vó! Já viu algo assim antes?

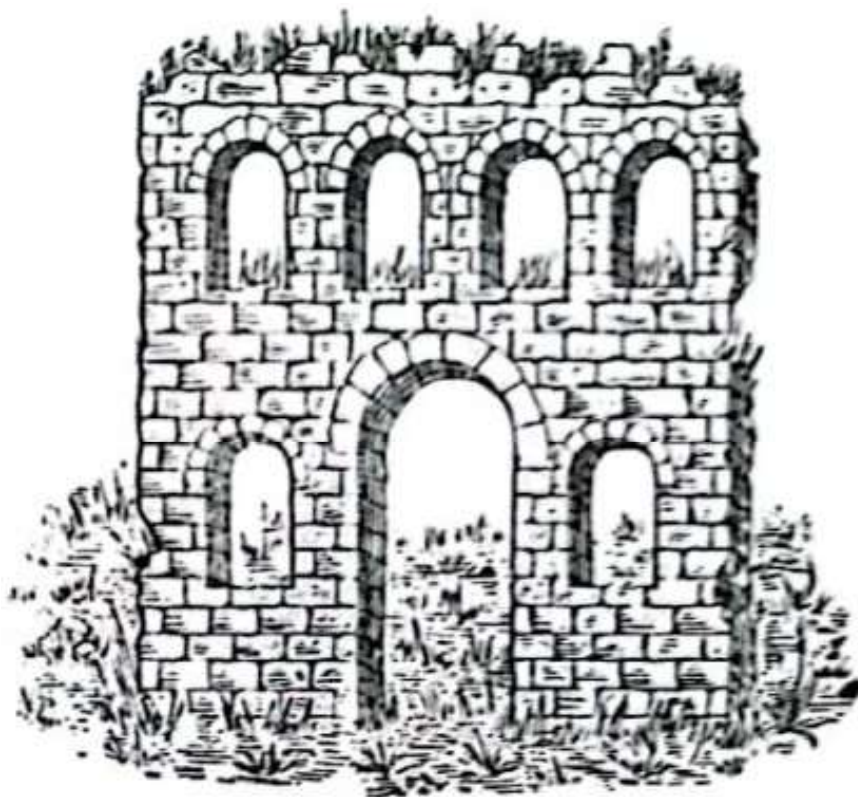
Ara'i ficou com um ar sério.

- Sim, Poty. Na verdade, já sim - *ela disse enquanto preparava o mate* - onde é que foi que tu achaste isso?

- Foi lá nas pedras onde tem o Banco do Cacique!

- Ah! O Arco do Cabildo...! Espera-me lá que só vou terminar o mate antes para tomarmos enquanto te conto essa história...

- Tá bem! - *disse Poty, com um sorriso enquanto saía voando pela porta.*



Desenho feito em 1880 do Arco do Cabildo. Retirado de As Missões Orientais e Seus Antigos Domínios, de Hemetério Velloso da Silveira, 1901.

2

Os Guaranis



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Não demorou muito até que Ara'i chegasse à praça. Poty já estava no Arco do Cabildo, olhando sentada numa pedra para a imponente figueira empoleirada sobre a ruína.

- Vó, essa é a chave da porta do Banco do Cacique? - perguntou ela.

Ara'i se sentou ao seu lado, no mesmo bloco, e derramou água quente na cuia com erva, rindo.

- Talvez seja - disse com expressão paciente - Você sabe quem que construiu o arco?

- Não foram os tais jesuítas, Vó?

- Ah, eles ajudaram um pouquinho; mas quem empilhou e deu forma para as pedras fomos nós, o povo Guarani Mbya³. Nós já estávamos aqui quando os jesuítas chegaram.

- É mesmo, Vó? - disse Poty olhando a chave na sua mão.

- Sim! Na verdade chegamos muito antes deles e vivemos há muitos anos como nossos parentes antigos, que tiveram vidas boas, corretas e longas, e hoje estão junto de Nhanderú⁴ na Terra Sem Males⁵. Já tínhamos contato com os seres criadores do mundo, algo que descobriram muito depois de nós.

Ela puxou a água pela bomba de taquara antes de continuar:

- Nossos avôs e avós plantavam coisas que não haviam na terra deles: mandioca, milho, erva-mate. Nós conhecemos a terra e os rios, que sempre foram nossas estradas e fronteiras entre as aldeias diferentes. Também conhecemos os animais e os matos onde eles moram. Eles precisavam de nós para conseguir viver aqui.

3 Mbya - Se fala "Mbuá". Nome dos Guaranis que habitam a região das Missões.

4 Nhanderú - "Nosso Pai". Deus criador do mundo.

5 Terra Sem Males - Paraíso dos Guaranis que viveram como os 5 ancestrais.

Capítulo 2: Os Guaranis

A bomba roncou na cuia. Ara'i a encheu de novo e a passou para Poty. Ela tomou um gole olhando a chave com expressão pensativa antes de perguntar:

- Mas Vó, o que os jesuítas vieram fazer aqui? Não é longe de onde eles moravam? E o que isso tem a ver com a chave?

- Eles vieram atrás de nós, os Guaranis!

- O quê? Como assim? - *disse Poty, um pouco confusa, falando com o canto da boca enquanto tomava outro gole.*

- Calma. Continue bebendo o mate que eu te conto...



3

Os jesuítas e as Reduções



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Poty puxou o mate da cuia pela bomba.

- Os jesuítas foram os primeiros brancos juruá⁶ a querer morar por aqui nas nossas terras. Eles vieram de longe, do outro lado do oceano. Eram muito inteligentes; e loucos!

Ara'i riu, enquanto tateava na sua bolsa. Poty riu junto sem nem saber o porquê. Ara'i tirou um pedacinho de madeira de dentro da bolsa.

- Mas, Vó - disse Poty - como eles convenceram os parentes, se já sabíamos o que eles faziam?

- Eles trouxeram um jeito novo de fazer essas coisas - disse ela, olhando para o pedaço de madeira.



6 Juruá - Se fala "Djuruá". Quer dizer "Boca Peluda", como os Guarani se referem aos brancos.

- Nós já sabíamos música, dança, abrir roça para plantar, construir casas, entalhar madeira e falar com os seres Criadores; mas eles nos mostraram um jeito diferente de fazer isso - *continuou* - nosso povo sempre foi muito inteligente e curioso, e as coisas novas que eles trouxeram confundiram aqueles parentes antigos.

- E que coisas eram essas? Eram mágicas?

- Não exatamente... As mais comuns eram os machados, enxadas, foices, facas e picaretas de metal, que facilitam até hoje o trabalho na roça. Mas também vieram os instrumentos musicais, com sinos, órgãos... Isso tudo era novidade para nós, Mbyá!

Rabecas e músicas escritas; o alfabeto também, agora nossa língua ancestral podia virar cartas, livros e partituras de canções - *seguiu ela enquanto tirava lascas do bloco de madeira.*

- Eles sabiam muitas coisas boas: esculpir madeira e pedra, forjar metal, fazer telhas de barro, tecer roupas e entalhar estátuas, mas só aceitavam ensinar a quem virasse cristão e deixasse de ser Guarani! Para isso teria que sair da aldeia, parar de visitar os parentes distantes e morar nas Reduções junto com eles, dentre outras coisas. Mesmo assim, muitos parentes cristãos iam visitar nas aldeias aqueles que continuavam no viver correto dos nossos antepassados.

- Entendi... E as ruínas do Arco, Vó? Eram das nossas Reduções, não é mesmo?

- Sim, eram as cidades para onde os Guaranis que aceitavam ser cristãos iam morar. Tavas, aldeias de pedra.

- E por quê tinham esse nome de Reduções?

- Quem explicou foi o Padre Montoya, ele era muito simpático e inteligente, tu ia gostar de conhecer ele. O nome é esse porque nossos parentes andavam livres por grandes distâncias e tinha muito mais floresta. Nas Reduções, estavam reduzidos a um espaço, haviam limites, já que todo dia precisavam retornar para casa, que era nessas aldeias de pedra.

- Para ser cristão, tu sempre tens alguma tarefa para fazer, como ir à missa, trabalhar na horta da sua família ou na horta comunitária, trabalhar nas oficinas ou ir às aulas de línguas, ou de música. E todo dia tinha missa de manhã e de noite, que era quando os Padres contavam nosso povo como se fossemos fugir... É claro que nós fugíamos, eles não tinham como saber o rosto de cada um de nós, que éramos tantos naquela época!

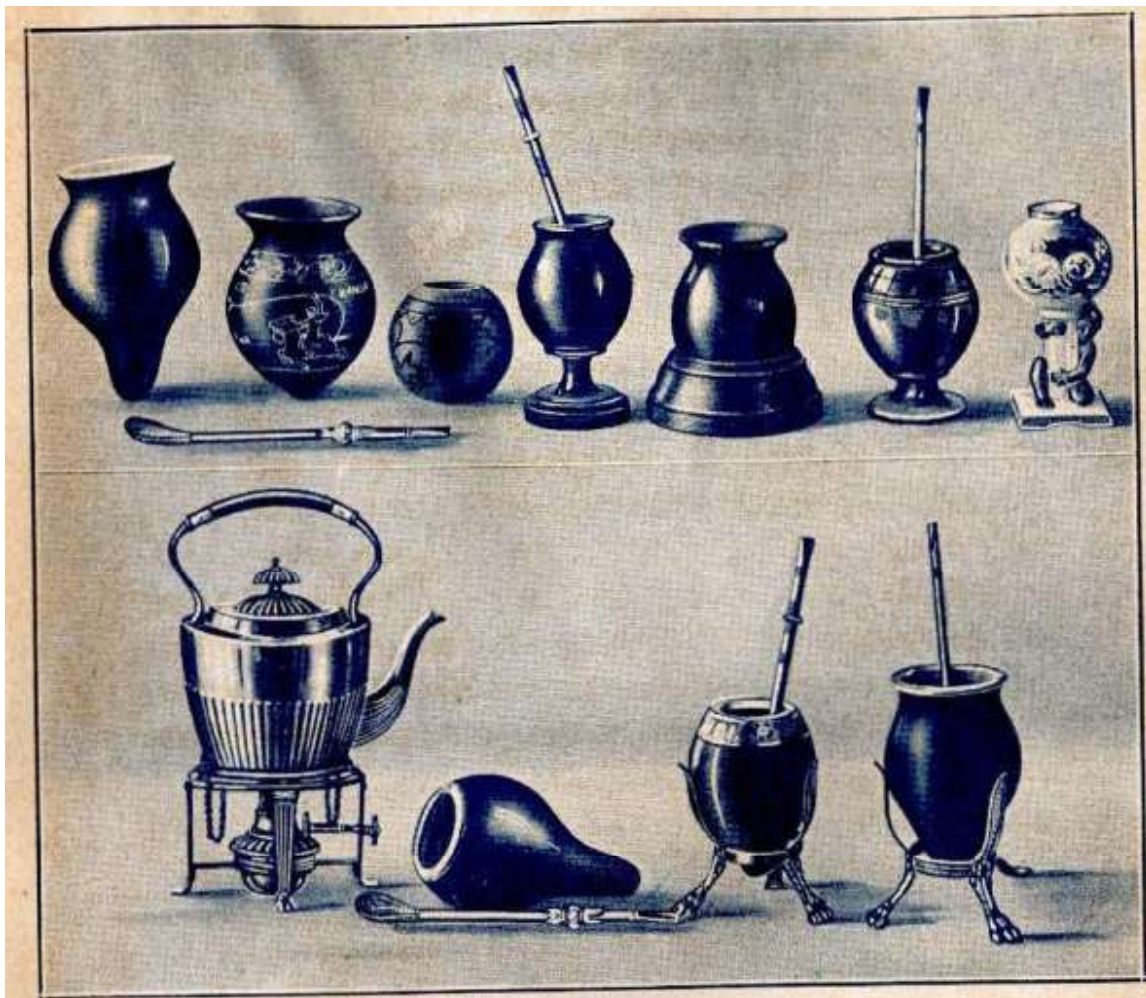
- Ora só, que tolos!

Poty e Araí deram uma grande risada juntas. A neta passou a cuia para a avó encher, que teve que largar a faca e o pedaço de madeira.

Capítulo 3: Os jesuítas e as Reduções

- Era um lugar bom de morar, uma cidade de pedra. O único problema era não poder ser Guarani, Mbyá, de verdade!

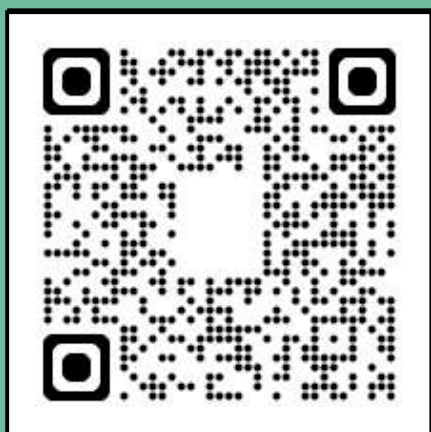
Completo Ara'i olhando bem enquanto a água fazia um arco e caía dentro da cuia, enchendo-a novamente.



Diferentes tipos de cuias para chimarrão. Adaptado de Poranduba Riograndense, de Padre Carlos Teschauer, 1929.

4

Roque González e Concepción



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Poty pegou a chave na mão e disse:

- Vó, então essa deve ser, na verdade, a chave da igreja!
Olha o tamanho dela!

- Faz sentido. Não existe uma Redução sem igreja.

- E por que escolheram aqui para fundar a cidade, Vó?

- Porque deste lado do rio Uruguai, o lado que hoje é do Brasil, ainda não tinha nenhuma. Os jesuítas haviam conseguido convencer muitos Guaranis a virarem cristãos do outro lado; eram os nossos parentes daqui não queriam saber deles. Só que eram muito insistentes e aqui foi o primeiro lugar deste lado que conseguiram fazer dar certo.

- Eles já tinham entrado aqui antes?

- Sim, o Padre Roque González. Ele até era parecido com o Padre Montoya; os dois eram muito persistentes! Padre Roque já tinha tentado fazer uma Redução nas margens do rio Ibicuí, lá dentro do nosso Estado. Como ele não podia ficar lá, sua influência acabou e aquela igreja, que era na verdade uma casa de reza Guarani, nem chegou a ter uma porta. Logo depois aconteceu uma grande epidemia do outro lado do rio, na Redução que ele cuidava, que hoje é uma cidade na Argentina que continua tendo o nome de Concepción.



- Ah! Eu conheço, eu tenho um colega de lá! Mas, epidemia? Como essa que aconteceu há pouco tempo, Vó?

- Não! Foi bem menor, mas também era algo que nunca tinha sido visto com tanta força. Os europeus trouxeram espíritos invisíveis que não atingiam outros juruá com suas flechas mágicas de doença; mas a nós, Mbya, sim. Por isso muitos se cristianizaram: achavam que os jesuítas não adoeciam porque eram cristãos como os espíritos... Só que não adiantou, no final.

Ela tomou um gole pela bomba e completou:

- Muita gente morreu, Poty, dentro e fora de Concepción. Ao menos os Padres cuidavam dos doentes o melhor que podiam. A peste durou três anos inteiros.



*Cristo Morto. Exposto no Museu Vicente Pallotti, em Santa Maria.
Foto de Zeca Filippi. 1991.*

5

Céspedes e a fundação de San Nicolás del Piratini



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Capítulo 5: Céspedes e a fundação de San Nicolás del Piratini

- Vó, como é que tu sabes tudo isso, tu conhecestes o Padre Roque?

- O Padre Roque? Eu não! - *Ara'i riu* - Eu conheci o chefe dele! Eu nasci na Argentina, menina.

- E quem era ele? E onde tu nasceu?

- Calma filha, uma pergunta de cada vez! O chefe dele era o Padre Nicolás Durán. É por causa dele que nossa cidade se chama São Nicolau, sabia? E eu nasci numa Redução chamada Yapeyú, mas vim para cá bem pequena.

- Ah, já entendi! Então o fundador da nossa cidade foi o Padre Nicolás!

- Na verdade, não! Foi o Padre Roque mesmo, esse é o nome da nossa praça para comemorar isso.



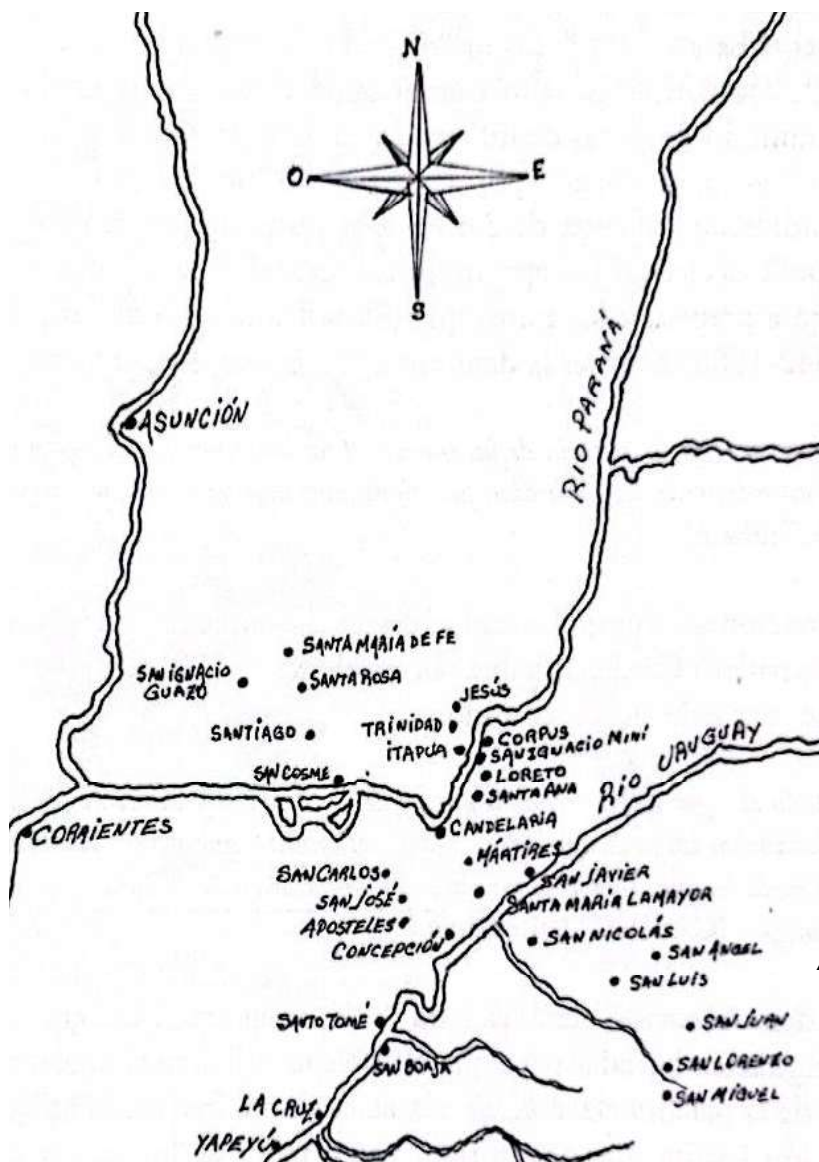
Capítulo 5: Céspedes e a fundação de San Nicolás del Piratini

- Eles se gostavam muito, eram bem amigos e Roque presenteou a lembrança dele desse jeito. Foi uma homenagem importante, porque faziam sete anos que Roque tentava e não conseguia atravessar o rio Uruguai para fundar uma Redução. Esta foi a primeira que deu certo! Nossa cidade é a mais antiga do Estado do Rio Grande do Sul.

- Mas, Vó, como ele conseguiu fazer a Redução, se os parentes antigos não deixavam afinal?

- Eis aí uma pergunta esperta de uma menina esperta. Eu vou precisar desenhar um mapa para você entender.

Ara'i desenha no chão um mapa da Província de Misiones e do Rio Grande do Sul, com os rios Uruguai e Paraná com todas Reduções e cidades que lembrava.



*Mapa da região missioneira.
Adaptado de Horacio Bollini,
La Arte
en Misiones Jesuíticas. 2007.*

- Na época, a maior e mais próxima cidade era Buenos Aires. Hoje é a capital da Argentina, mas já era importante naquela época. O Governador da cidade, Francisco de Céspedes, chegou bem quando a epidemia acabou em Concepción, e logo ele e Roque marcaram de se ver. Durante a viagem a Buenos Aires, Roque já veio olhando os lugares onde os Guaranis diziam que seriam boas aldeias; inclusive aqui! O Governador novo deu muitos presentes para serem distribuídos, como Roque nunca tinha conseguido reunir antes.

Ela risca uma linha entre Concepción e San Nicolás, sobre o Rio Uruguay.



- Aqui foi onde ele teria passado, o Passo do Padre. Depois de alguns anos tentando e sendo expulso pelos Guaranis, ele finalmente conseguiu reunir umas mil pessoas atraindo-os com presentes que o Governador deu. No dia 3 de maio ele fundou uma aldeia bem aqui onde nós estamos e chamou, como já te contei, de San Nicolás del Piratini!

- Sim! Porque Piratini é o nome do rio que passa aqui na nossa cidade!

- Exatamente - *disse Ara'i, satisfeita com Poty.*

6

A Invasão Bandeirante



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

- E daí que fizeram as casas que hoje são as ruínas da praça, né, Vó?

- Na verdade, também não. Esta que nós temos aqui na praça, que era a qual pertenceu o Arco do Cabildo, a igreja e a adega é a segunda! A que estou te dizendo é a primeira; se chamava San Nicolás del Piratini. Ela foi abandonada...

- Nossa! Eu não sabia disso, que tiveram duas San Nicolás! Mas por quê a primeira foi abandonada?

- Outros juruá vieram atrás de nós, Guaranis. Nós, que não deixamos de ser Mbya verdadeiros, sempre achamos bom desconfiar dos jesuítas; mas estes outros que vieram eram muitas vezes piores. Eles vieram nos escravizar!

- Credo Vovó, que coisa horrível!

- Sim, e foi mesmo. Tivemos que nos aliar aos jesuítas para enfrentar eles; mas foi um tumulto terrível. Haviam outras dezessete Reduções, a maioria foi abandonada, algumas foram totalmente destruídas. Muitos boatos, incêndios, emboscadas, gente desaparecendo... Muitos, mas muitos parentes foram escravizados e levados para São Paulo como se fossem animais.

Ela solta uma lágrima, sem mudar a expressão séria. Poty a abraça.

- Está tudo bem, filha. Já passou, isso foi há muito tempo, mas ninguém esqueceu, ainda que não se fale muito a respeito. Primeiro eles chegaram até aqui, depois de batalhar conosco em outras Reduções. Quase sempre perdíamos, pois eles tinham armas de ferro e de pólvora. Também tinham aliados indígenas da região deles, que eram sempre mais numerosos que nós. Quando chegaram em San Nicolás, haviam poucas pessoas para defender a aldeia, os inimigos eram umas 800 pessoas; e houve peleia, mas perdemos novamente depois de cinco horas. Eles chegaram a colocar quartel na igreja, hasteando bandeira, aqueles prepotentes!

Ara'i fecha o punho, dobrando os dedos dentro da palma da mão.

- Mas nós vencemos eles né? Senão nem estaríamos aqui, oras! - *Poty falou com força.*

- Eu amo a tua esperança, minha filha! Sim, tu estás correta: foi nas praias e mesmo em barcos no Rio Uruguai, logo depois. Nos vingamos deles como bons guerreiros que somos.

- Vencemos os bandeirantes na primeira batalha naval da América do Sul - *continuou Ara'i* - Os jesuítas nos ajudaram com armas e pólvora, que até então não podíamos usar. Isso aconteceu perto de um lugar chamado Mbororé; até hoje procuram saber onde foi que aconteceu.

- Quase fomos vencidos, mas derrotamos e matamos muitos bandeirantes paulistas nessa batalha! Eles se assustaram para sempre e eles nunca mais retornaram! - *completou Ara'i, olhando para o vazio.*



7

O cotidiano de San Nicolás del Piratini



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

- A nossa aldeia era bem bonita naquela época - *prosseguiu Ara'i, enxugando as lágrimas com as costas da mão* - as casas e a igreja já estavam em volta da praça, mas como era tudo de taipa de barro e palha, ainda era muito parecido com muitas aldeias Guaranis. Como não tiveram muito tempo antes que os invasores do norte chegassem, não chegaram a usar pedra nas construções.

- E tinha muita gente, Vó? - *perguntou Poty.*

- Entre os que vieram do outro lado do Rio Uruguai, e os que foram convencidos pelos presentes dos jesuítas deste lado do Rio, tinha umas 4000 pessoas, coisa de 800 famílias. O cacique que Roque e outro Padre chamado Afonso de Aragona escolheram foi o Guaracica. Mal sabiam eles que ele já era cacique antes deles chegarem! Hehehe...

- Hahaha! Até que tinha bastante gente, hein, Vó?

- Sim, para a época com certeza era. Isso causou alguns problemas, como fome e a peste dos juruá.

- Como assim, Vó?

- Muita gente junta transmite os espíritos de doenças entre si facilmente; e como muitos parentes ainda eram mais guaranis que cristãos, não tinham estoques de comida e nem podiam ir muito longe coletar e caçar. Faltou comida e houve fome. Foram outras Reduções e os Guaranis livres que forneceram sustento nos poucos anos que durou San Nicolás del Piratini.

- Parecia uma vida difícil... - *Poty colocou a mão no queixo.*

- Era difícil em todo lugar! Mesmo nós que continuamos fiéis aos caminhos antigos, tivemos que nos adaptar. Os parentes missioneiros construíram uma bela igreja; um Padre chamado Bartolomeu Cardenosa ensinou muitos a esculpir em madeira e fizeram a igreja mais bonita de todas dessa época!

Ara'i apontou para as ruínas, como se ainda visse o que falou a seguir:

Capítulo 7: O cotidiano de San Nicolás del Piratini

- Tinha colunas espirais, muitos anjos e santos e era toda branca por fora e por dentro, pintada com plantas que haviam nos pomares e que já existiam aqui também, como palmeiras pindó, butiás, araçás, espigas de milho, folhas de mandioca e flores de erva mate. Com certeza eles eram esforçados! A igreja era realmente linda e era uma sensação entrar e sair dela!

- Aquela que os bandeirantes ocuparam?

- Sim... E depois, quando foram embora, botaram fogo!

- Eu não acredito, Vó! Afinal... eles não eram cristãos como os Padres espanhóis também?

- Diziam que sim, mas eu nunca vou entender esses juruás... Até hoje não entendo as loucuras deles.

Poty colocou de novo a mão no queixo, pensativa...



Ara'i olha o sol e diz para Poty:

- Olhe como vai alto o sol. Que horas são?

- Aaaah! É hora de ir para escola! Mas Vó, eu já to aprendendo contigo, me deixa ficar! - *disse ela puxando a manga de Ara'i com um sorriso manhoso.*

- Nahániri⁷! Todos os saberes são importantes, mesmo que tu prefira uns mais que outros. Me encontre aqui no Arco no final da tarde que continuo te contando. Preste atenção na aula e não esqueça de levar seu lanche.

- Tá bom, mas na volta a gente continua de onde parou. Quero saber da chave! - *gritou ela.*

- Sim, calma! Com certeza te conto; agora vá logo, para voltar logo!

- Tá beeem! - *e saiu voando, como sempre...*



A igreja da Redução jesuítica de San Rafael de Velasco, na Bolívia, é muito aproximada das que haviam no Rio Grande do Sul. Adaptado da fotografia de G. Groesbeck. 2006.

8

A migração



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Poty chega da escola e resolve ir direto ao Arco. A sua avó Ara'i ainda não está lá. Poty enche os pulmões e quando está prestes a berrar "Ô VÓÓÓ!!!", Ara'i aparece com duas viandas com churrasco e polenta.

- Não precisa gritar, eu já estou aqui - disse ela entregando uma vianda para Poty - vamos almoçar enquanto continuo te contando...

- ...a história da chave! - disse ela sorrindo e interrompendo Ara'i, que respira fundo e fala:

- Para você saber a história da chave direito, precisa saber de onde vieram as pessoas que utilizavam ela.

- Ora, Vó! Mas foram os jesuítas e os nossos parentes antigos. Eu achei a chave bem ali ó!

- Sim, mas de onde essas pessoas vieram? Lembra que o Padre Roque atravessou o Rio Uruguai no Passo do Padre, não é? - disse ela, paciente.

- Sim, é verdade! Eles vieram de outras Reduções então? De Concepción? Ou converteram outros parentes?

- Mais ou menos... Quando os bandeirantes chegaram no que hoje é o Estado do Rio Grande do Sul, haviam umas dezoito Reduções de Guaranis. A maioria, como eu te disse de manhã, foi abandonada pelos Guaranis. Várias famílias de Apóstoles, San Carlos e Santa Tereza passaram por San Nicolás, fugindo para as Reduções de Concepción e San Javier. Contavam coisas horríveis uns para os outros por onde passavam, e a maioria das pessoas resolveu fugir junto. Esses Mbya, que precisaram se exilar do Tape⁸, que era o nome antigo do Rio Grande do Sul; foram pros arredores de Concepción e San Javier; muitos se misturaram às Reduções que já existiam do outro lado do rio. Os Guaranis de San Nicolás ficaram próximos de Concepción, os de Apóstoles depois se juntaram a eles, mas nunca mais voltaram para o lado de cá.

- Nossa, quanta coisa aconteceu! Eles foram, mas depois voltaram né? Quanto tempo levaram para voltar pro Tape, Vó?

- Ah, uns quarenta anos! - *Ara'i comentou, contando os dedos.*

- Tudo isso? Por que esperaram tanto, se os bandeirantes haviam sido derrotados?

- Ninguém tinha certeza se não iriam retornar. Causaram tantos problemas que todos ficaram com medo. Quem volta e começa a construir a San Nicolás cujas ruínas estamos vendo (e que trouxe essa chave aí na tua mão!) são os netos dos Guaranis missioneiros que foram expulsos!

- Aah! Entendi agora! - *disse Poty com expressão surpresa, olhando a chave* - e assim como eles sabiam a história, tu também tá me contando! - *sorriu e olhou para ela.*

- É claro... - *Sua avó respondeu, satisfeita.*

9

O retorno e fundação da 2º San Nicolás



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Elas colocam os ossos de churrasco nos potes.

- Vó, então eles queriam voltar porque eram as terras dos pais deles? - *Poty falou enquanto lambia os dedos.*

- Sim, mas os jesuítas concordaram com eles mais porque tinha muito gado aqui neste lado.

- Ah, é por isso que temos tradição no churrasco, então?

- Sim, sua florzinha ligeira. O gado era necessário para fazer os Guaranis ficarem nas Reduções, pois dava carne e couro. Assim, não precisavam caçar quase nunca. O couro que sobrava, os padres mandavam para outros países. Quando os missionários juruá e Guaranis missioneiros foram embora depois de destruir os bandeirantes, o gado ficou solto e se criou xucro, sem doma e livre. Logo, iriam ser muitas mil cabeças soltas, chamando a atenção das pessoas para cá, de novo. Todo mundo veio pegar: mesmo Guaranis verdadeiros, de perto e de longe, assim como os portugueses de São Paulo e os Guaranis cristãos das Reduções argentinas também.

- Aaah! Então os Guaranis queriam voltar para a terra de onde vieram para comer churrasco e ver os parentes! - *brincou ela, rindo, enquanto Ara'i soltava uma larga gargalhada.*

- Também! Só que era bom para os jesuítas retomar a nossa região tradicional da influência dos bandeirantes, que talvez apenas assim tenham desistido de voltar. Havia uma vacaria no norte do nosso Estado, a da Serra, e outra enorme no que hoje é o país chamado Uruguai. Essa era chamada de Vacaria do Mar. Eu fui muito na do Mar.

- Sério? Era então todo o Uruguai e mais o Rio Grande do Sul! É muita terra Vó! - *disse a neta com espanto.*

- Sim, é mesmo! Por isso fundaram primeiro uma Redução numa estância que já havia deste lado: San Francisco Javier de Borja, que hoje é a cidade de São Borja. Era parte de Santo Tomé, hoje cidade também. Essa Redução defenderia a Vacaria do Uruguai e foi fundada alguns anos antes de San Nicolás, depois que voltaram.



O gado solto e xucro criado nas estâncias missioneiras viraria uma das marcas culturais da identidade gaúcha. Adaptado de History of a Voyage to The River Plate & Buenos Aires From England, de William Toller, 1715.

10

A vida na
2ª San Nicolás: chegada



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

- Entendi! - *disse ela; logo se botou pensativa e retrucou:*

- Mas Vó, uma coisa eu não entendi. Qual foi a primeira Redução aqui no nosso Estado, afinal?

- Depende de quando, e não de qual, tu estás falando. Pelo que eu te disse, houveram duas fases: durante a primeira, mais antiga, foi San Nicolás del Piratini, criada em 1626; durante a segunda, San Francisco de Borja, acho que foi em 1682.

- Ah, mas então aqui que é mais antigo, porque é da primeira fase!

- Nessa perspectiva tu esta correta, sim. Inclusive, San Nicolás e San Miguel foram as únicas a retornar, das que foram expulsas das suas terras ancestrais. Quando os Padres trouxeram nosso povo nicolauense para cá de volta, foi exatamente para o mesmo local de antes. Nós inclusive encontramos as casas antigas, já quase todas arruinadas! O povo foi consultado e o nome se manteve, apenas ninguém mais falava ou escrevia o “del Piratini”.

- E San Miguel... Tu diz a da ruína com a igreja gigante que tem até hoje?

- Essa mesma! Na invasão dos bandeirantes era perto da cidade de Santa Maria. O primeiro lugar novo que escolheram, depois dos bandeirantes, era apertado, não tinha espaço para as roças aumentarem e logo tiveram que ir para onde está hoje. Mas o pessoal daqui também enfrentou problemas.

- Ah é? Quais foram?

- De certa forma, os mesmos de sempre. Por exemplo, logo que os nossos parentes de San Nicolás chegaram de volta, enfrentaram um forte furacão, muito parecido com os que acontecem hoje com maior frequência e força. Destruiu a maior parte da igreja e feriu várias pessoas. Durante a noite, caiu granizo bem grande, chegando a matar algumas ovelhas e vacas!

Capítulo 10: A vida na 2ª San Nicolás: chegada

- Olha só! Já tinha vendavais e granizo desde aquela época!
- *surpreendeu-se Poty.*

- É claro que já havia! - *Ara'i riu* - isso é da nossa região. Mas eram bem mais fracos do que hoje e acontecia menos. Assim como incêndios: embora já soubessem fazer telhas para evitar incêndios que poderiam ocorrer por causa das fogueiras onde se cozinhava, nem sempre haviam telhas o suficiente. E o pior aconteceu: um incêndio numa casa sem telhas se espalhou pelo povoado e destruiu a maior parte das casas. Mesmo assim, como eu disse, os missioneiros são muito insistentes! Em poucos meses já parecia que nada dessas coisas haviam acontecido em San Nicolás.



Telhado quebrado com granizo. Gerado por IA. 2025.

11

A vida na 2ª San Nicolás: urbanização, casas e cabildo



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Capítulo 12: A vida na 2ª San Nicolás: chegada

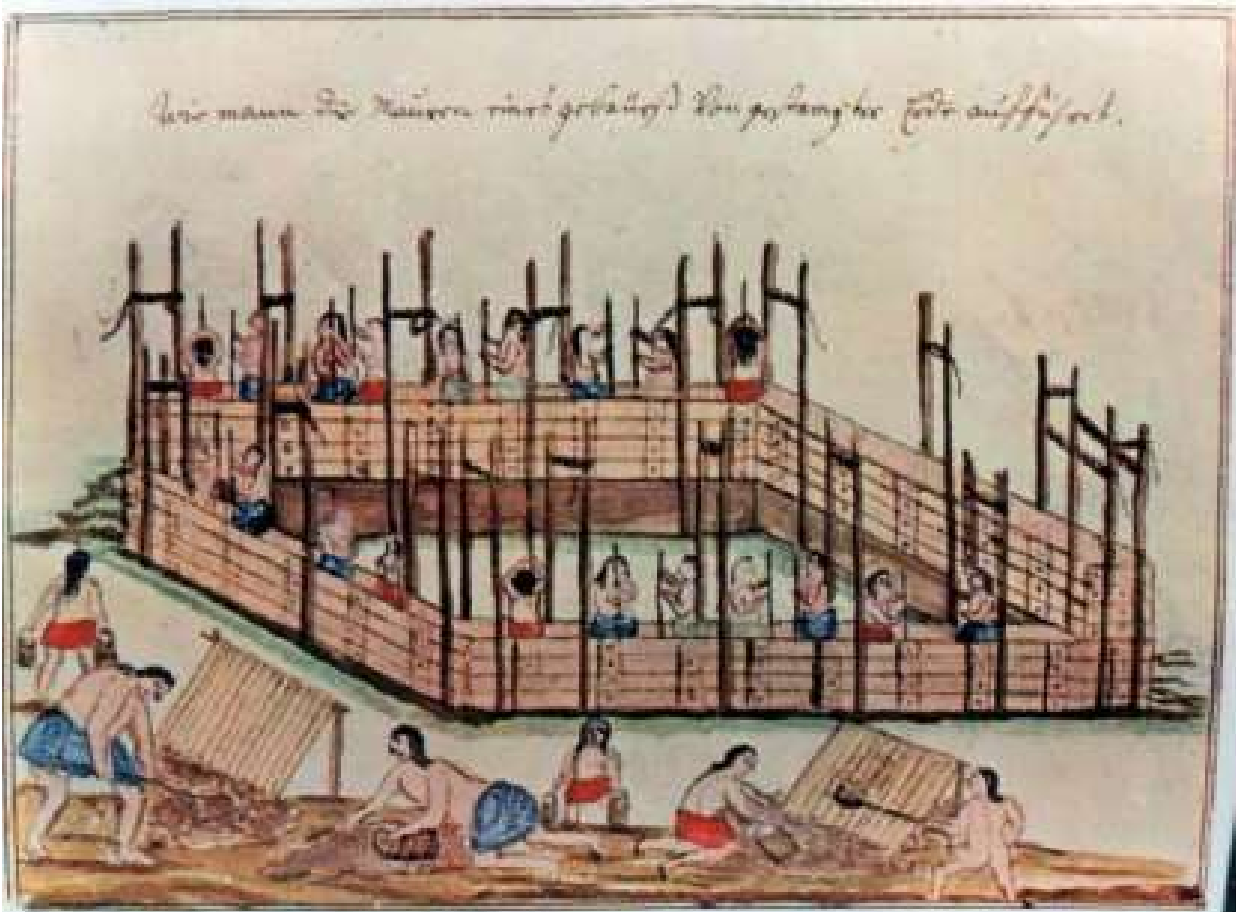
- Na escola me disseram que as Reduções eram todas iguais - *falou Poty.*

- Mais ou menos... Elas tinham os mesmos prédios com as mesmas funções, mas podiam se adequar às necessidades de cada lugar. Então, você sabe como eram?

- Sim! A professora falou hoje na escola. Era a igreja voltada para norte, com uma praça grande no meio. Do lado direito da igreja tinha o pátio dos padres, que era onde moravam e tinha a escola - e do lado direito desse pátio estavam as oficinas; do lado esquerdo era o cemitério. Ao redor do pátio em frente da igreja, as casas dos Guaranis missioneiros.

Poty pensa um pouco mais e pergunta:

- Vó, quantas pessoas moravam aqui?



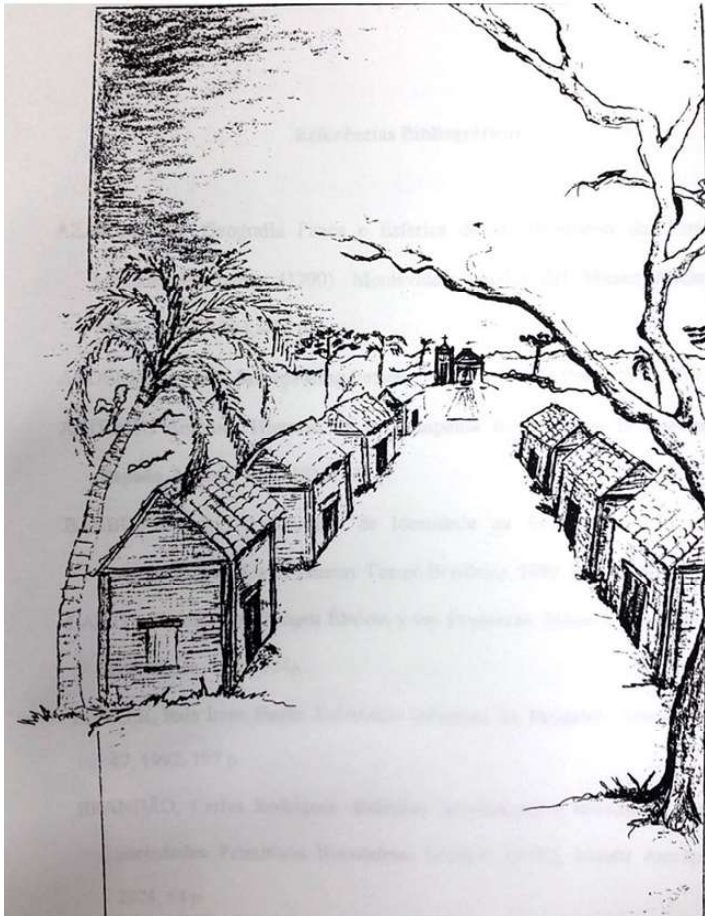
Construção de uma casa de taipa de barro entre os Mocovis do Chaco argentino numa Redução jesuítica. Aquarela do Padre Florián Paucke, pintada por volta de 1650.

Capítulo 12: A vida na 2ª San Nicolás: chegada

- Eram cerca de 3000 pessoas que vieram para refundar; quando todas haviam terminado de fazer as casas, todas ainda de taipa, mas com telhas. Tinham 23 casas pelo que me lembro... Depois iriam reformá-las, com pedra até metade da altura da parede; e todas as casas tinham as colunas de uma pedra só em todas as varandas. Eram lindas! Mas que eu me lembre, o censo deu quase 6000 pessoas uma vez! Muitas famílias moravam em cada casa, mas aí já tinha mais de 30 casas.

- Nossa, mas isso é mais gente do que tem hoje em São Nicolau! - *Poty disse, com a boca aberta, que tapou com a mão. Ara'i riu.*

- Sim, era mais gente. O importante é que os Guaranis missioneiros conseguiram manter as suas relações antigas com os parentes da mesma família, e todos moravam juntos numa casa só como é o jeito certo Guarani.



Como teria sido Candelária del Caazapaminí, fundada em 1627, no atual município de Rolador/RS, logo depois de San Nicolás del Piratini.

Retirado do blogspot do Instituto Anchieta de Pesquisas.

- Mas Vó, e os jesuítas? Deixavam?

- Deixavam ué, eles iam fazer o quê? - *disse rindo* - Em algumas casas de algumas Reduções eles conseguiram convencer os missioneiros a fazer paredes por dentro, só que isso era raro. No resto, por dentro das casas, não havia grandes diferenças. Na prática, só mudaram os materiais de construção mesmo. Uma dessas casas, a que ficava bem de frente para a igreja, era diferente das outras. Ali era o Cabildo!

- Pois então, Vó; todo mundo fala no Arco do Cabildo, no Banco do Cacique! Afinal, de onde vêm essas coisas?

- O Banco do Cacique é uma história que inventaram porque uma figueira nasceu entre as pedras de um dos arcos do Cabildo. Na verdade, no arco principal.

- Tá, mas o que é o Cabildo?

- Ali era como se fosse a Câmara dos Vereadores da nossa cidade hoje. Pessoas escolhidas iam ali tratar assuntos e tomar decisões que tinham a ver com todo mundo em San Nicolás.

- E quem eram essas pessoas? - *perguntou Poty, curiosa.*

- Eram todos caciques antigos já. Em cada casa morava uma grande família, que sempre tinha uma liderança como as lideranças que temos hoje. Só que, como tu sabe Poty, minha neta, nós Guaranis valorizamos muito a família. Antes era mais ainda, pois os casamentos aumentavam as famílias e as casas dessas pessoas eram próximas umas das outras.

- Desse jeito, às vezes era preciso que uma liderança representasse várias casas (ou melhor, famílias aparentadas) e assumisse um cargo no Cabildo. Chamávamos essas pessoas de cabildantes e elas ganhavam sapatos e roupas bonitas para ir nas sessões.

- Ah, olha só que legal! Então elas foram escolhidas pelos Guaranis?

Capítulo 12: A vida na 2ª San Nicolás: chegada

- Sim, embora o Padre que estivesse na Redução durante a virada do ano pudesse vetar o nome e indicar outro. E mesmo quando acontecia, a pessoa que os Padres escolhiam sempre era parente de alguém, não é mesmo?

- Nossa, faz sentido Vó! Devia ser um montão de gente, olha o tamanho das paredes que ficaram!

- Exato, variava a quantidade de cabildantes para cada Redução. Mas as paredes são altas porque o prédio tinha dois andares! - *disse ela apontando para a ruína.*

- Era um dos poucos aqui que eram altos assim, só tinha mais a igreja e a casa dos padres desse jeito. Tinha duas alas: na esquerda era onde faziam as votações, na direita, era onde tinha um grande armazém comunitário e bens e alimentos para distribuição para quem precisasse. Às vezes as colheitas noutras Reduções falhavam, e com isso, cada cidade ajudava a outra. Esse Arco que sobrou era parte da passagem principal que dividia as duas alas!



*Arco do Cabildo de San Nicolás
Adaptado de Pe. João Pedro Gay.
História da República Jesuítica do
Paraguai, 1941.*

Foto tirada entre 1910 e 1940.

12

A vida na
2ª San Nicolás:
igreja, casa dos padres,
oficina, cotiguaçu e
cemitério



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o
QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Capítulo 13: A vida na 2ª San Nicolás: igreja, casa dos padres, oficina, cotiguaçu e cemitério

- Puxa, era tudo muitíssimo organizado! - *falou Poty.*

- Bastante. Os jesuítas eram incansáveis e falavam bem o Guarani, convencendo as pessoas a se manterem cristãs com a ajuda das coisas que a cidade oferecia. Todo dia primeiro de janeiro se fazia uma grande cerimônia na frente da igreja para nomear os cabildantes, vigilantes e chefes diversos responsáveis. Era um evento muito importante e popular!

- Por quê, exatamente, Vó?

- Ah, as pessoas se arrumavam, tinha música, dança e bastante comida! Os cabildantes se reuniam cedo e votavam em quem iria assumir os cargos. Depois, colocavam uma mesa enorme e comprida na frente da igreja; e cadeiras para os futuros nomeados. O povo ficava atrás, ocupando a praça. Os nomeados tinham que estar bem vestidos, com as roupas do cargo, incluía até sapatos, como te disse. Tinha gente que não usava sapato o ano todo; mas nesse dia adorava colocar!

As duas riram. Ara'i continuou:

- Aí, o Padre que estivesse na Redução colocava as insígnias de comando de cada posição em cima da mesa: o bastão de seda do maestro da orquestra; as chaves do armazém, para o chefe dos armazéns; o tacape de pau-ferro para o chefe dos vigilantes... E assim por diante. Tudo terminava com uma missa e depois, festejos com teatro e música.

- Uau! E a chave da igreja, ia para quem? - *disse Poty, erguendo a chave enferrujada.*

- Para o sacristão! - *falou Ara'i, rindo* - Tu estava só esperando por esse momento, não, é?

Ambas deram uma grande gargalhada.

- Rá, eu sabiaaaa! Sabia que era da igreja! Desse tamanho, só podia ser mesmo! - *Poty, concluiu, triunfante.*

- Sabendo tu só estás agora, sua adivinhona! - *respondeu Ara'i enquanto fazia um cafuné em Poty. Elas olham num silêncio sorrido para as pedras e paredes da Praça.*

Todo dia tinha missa - *falou Ara'i, rompendo o silêncio*
- todas as pessoas eram pobres e tinham em casa apenas o necessário; em todas as Reduções. Mas as igrejas eram embelezadas com ouro, prata e muitas estátuas e pinturas coloridas. Os santos de vários tamanhos ficavam em estantes lindamente trabalhadas, chamadas de retábulos, atrás do altar, mas em toda igreja também. Na frente, diante do altar, ficavam as crianças; meninas de um lado, meninos de outro. Nos bancos de trás, os homens e mulheres se dividiram assim também.

- Nossa, eu consigo imaginar Vó...

- E muita música e canto, que nós, Mbya, sempre gostamos. As igrejas eram brilhantes por dentro, parecia mesmo que o sol nascia ali, como nasce no horizonte onde está Yvy Maraey, a Terra Sem Males...

- Aaah! - *falou Poty, se antecipando com surpresa* - então era por isso que eles iam na missa!

- Exatamente, Poty! E como a Terra Sem Males está no lugar onde o sol nasce, que é um lugar brilhante, parecia que, em cada missa, os Guaranis estavam indo mesmo para Yvy Maraey.

- Entendi! E onde que os Padres juruá moravam, Vó?

- A Casa dos Padres ficava do lado da igreja, colada nela. Também formava um pátio, e haviam vários cômodos onde se davam diferentes aulas ; além de ter, é claro, os aposentos onde os Padres descansavam e recebiam visitas. Com o passar do tempo ali também passaram a ficar as bibliotecas.

- Olha só! Já naquela época! E o que aprendiam ali?

- Ah, muitas coisas! Ler e escrever em Guarani e em Espanhol, assim como o básico de Latim para entender as missas. Mas também artes de fazer coisas, nas quais somos excelentes até hoje, como: escultura, pintura, música e retórica, que é a arte de falar, de transmitir uma ideia.

Capítulo 13: A vida na 2ª San Nicolás: igreja, casa dos padres, oficina, cotiguaçu e cemitério

Apenas algumas crianças Guaranis podiam ir nessas aulas, ainda que todos soubessem ler e escrever. Também haviam as oficinas, era um pátio do lado do pátio dos Padres. Ali também se aprendiam coisas, mas eram ofícios.

- Ofícios... Como assim? - *perguntou sua neta.*

- Trabalhos! Se aprendia a tecer na tecelagem, a fazer móveis na carpintaria, instrumentos musicais na luteria, pratos e potes na olaria... E assim por diante. As pessoas ficavam especializadas naqueles trabalhos. Alguns até viravam cabildantes!

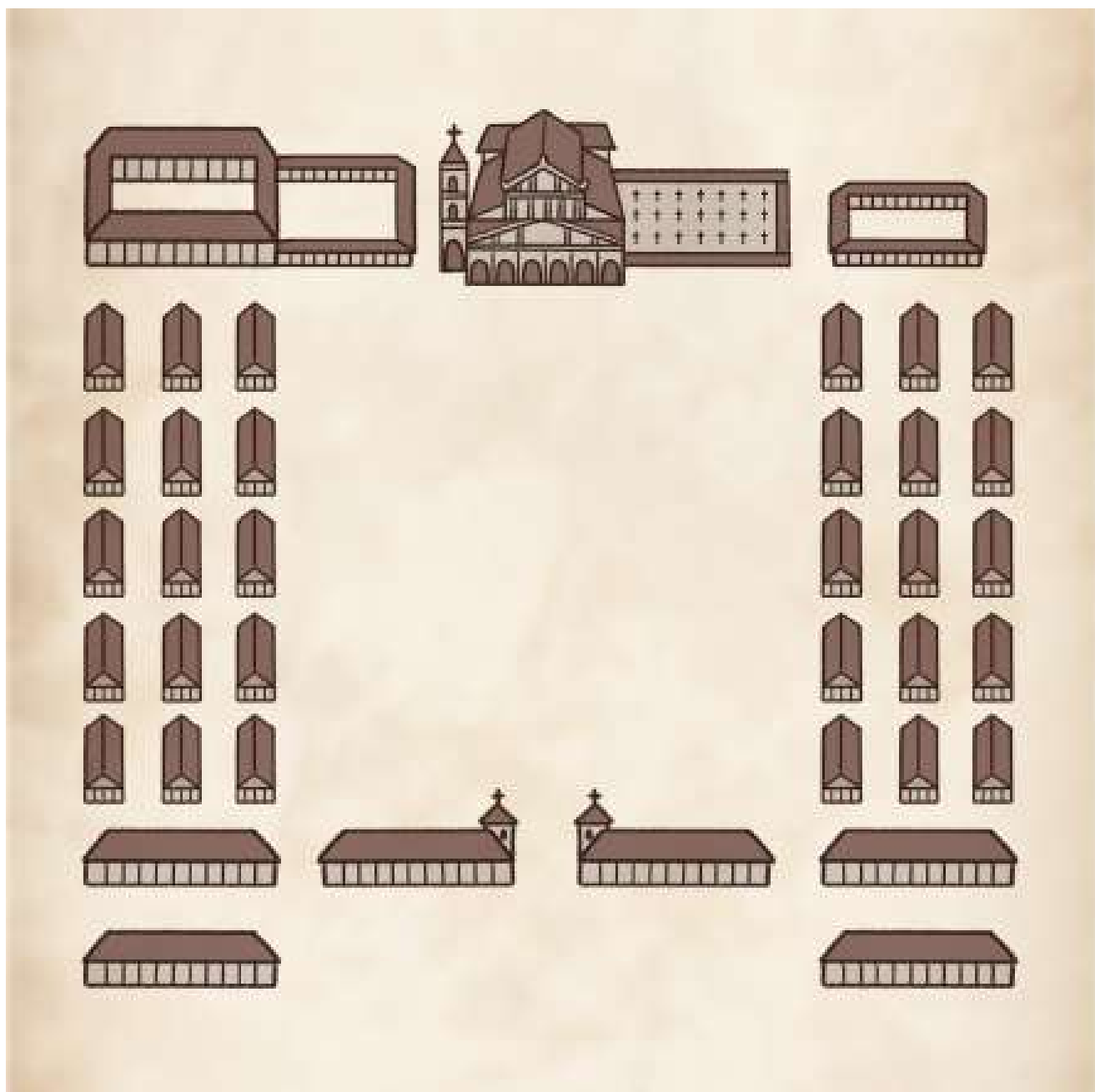
- Olha só! Mas era uma cidade mesmo! Tinha tudo!

- Claro, era muita gente! Do lado esquerdo da igreja ficava o cemitério. As pessoas eram enterradas nas mesmas posições onde sentavam dentro da igreja, em alas para meninos e meninas, homens e mulheres. Ao lado do cemitério, havia o Cotiguaçu. - *Ara'i falou enquanto apontava na direção dos dois lugares.*

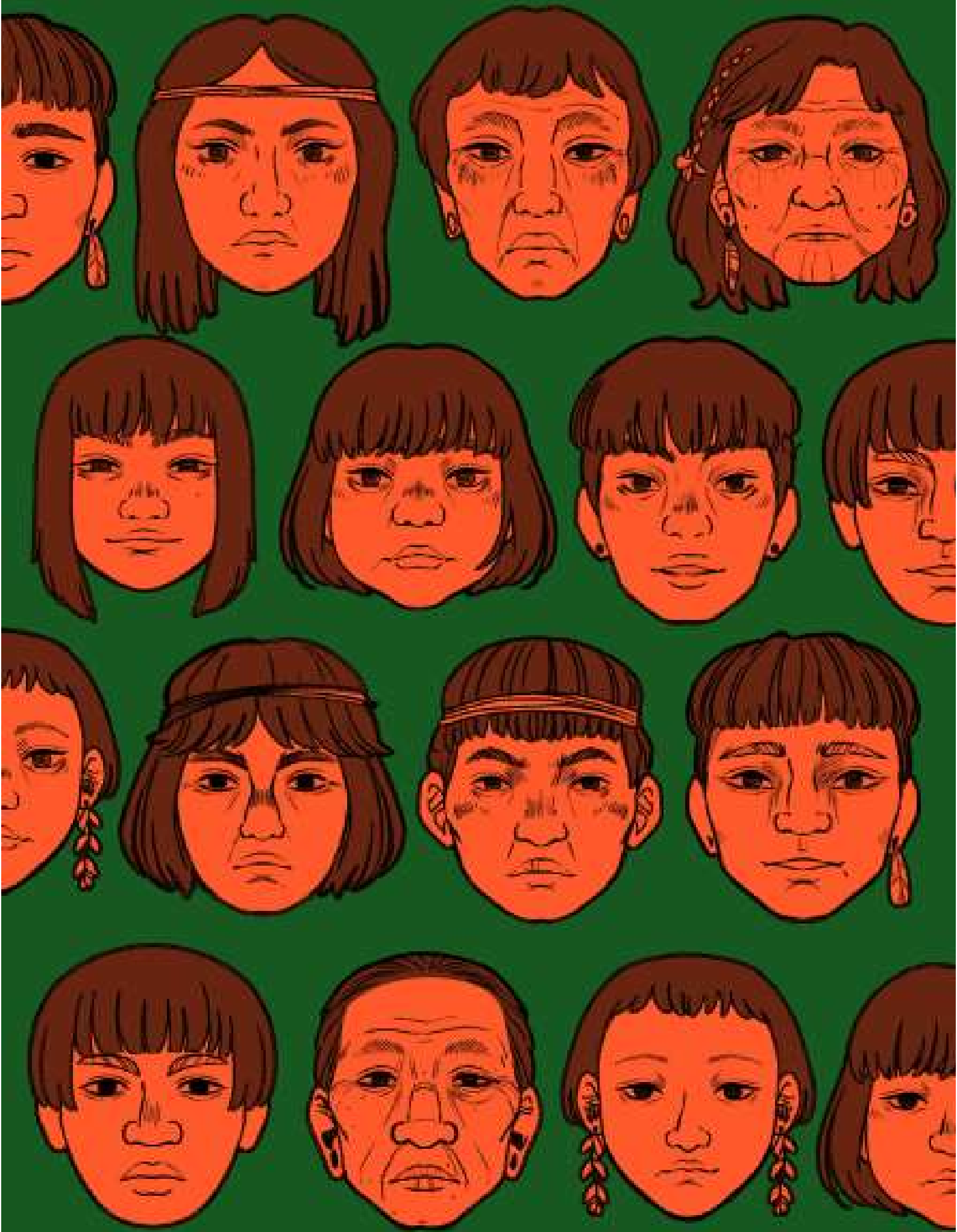
- E o que era esse tal de Cotiguaçu, Vó? A professora nos disse, mas tu deve saber melhor porque tu viu em pé!

- Sim, só que faz tempo... Era como se fosse um asilo para mulheres viúvas e crianças órfãs. Só mulheres e os Padres podiam entrar ali! Mulheres, só saíam dali acompanhadas pelos Padres ou pelas matronas que cuidavam do lugar na maior parte do tempo. Além disso, era como se fosse uma casa normal com varandas, mas quadrada e com um pátio no meio. Essas pessoas trabalhavam como podiam: a maior parte fazia fio de algodão; quem não pudesse por questão de idade, era sustentado pela comunidade. Se faltasse alguma coisa para alguém no Cotiguaçu, era porque faltava para todos na aldeia de pedra.

Capítulo 13: A vida na 2ª San Nicolás: igreja, casa dos padres, oficina, cotiguaçu e cemitério



5 “Casa de reza” em idioma Guarani. É pronunciado como “opã”.



13

A vida na
2ª San Nicolás:
rotina, festas e
celebrações



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o
QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Ara'i descasca uma bergamota, tira um gomo e passa a fruta para Poty. Ao entregar a fruta, Arai continua:

- Haviam fontes de água dentro e ao redor das Reduções. Ou eram nascentes canalizadas, ou eram poços mesmo. A água era sempre fresquinha e nunca se precisava ir muito longe! Também, no nosso caso de San Nicolás, havia um porto no Rio Uruguai. Ficava ali no Gerê. Dali eram exportados os couros, erva-mate, esculturas e instrumentos musicais que eram produzidos pelos missioneiros.

- E onde que plantavam a erva mate, Vó? - *disse Poty enquanto comia um gomo.*

- Era tudo plantado no Tupam'baé⁹. Eram terrenos que todas as pessoas da Redução tinham que cuidar e eram o segredo porque era muito raro faltar alimentos e roupas. Cada família também tinha o Amam'baé¹⁰, que era o seu pedacinho para se plantar o que se quisesse.

- Entendi! E cada família fazia sua erva?

- Não! Isso era antes. Nas Missões, tanto os carijos para queimar a erva, os curtumes para fazer o couro, os matadouros e as olarias ficavam para além das casas. Como faziam muita fumaça ou tinham mau cheiro o dia todo, era melhor que fosse assim, para não incomodar as pessoas.

- Uau! E faziam tudo sozinhos? Mas eles não ficavam só trabalhando, né? Tinham que ter alguma diversão!

- Tinham mesmo, e tu ia adorar! Eles faziam muita festa, com competições de laço, arco e flecha, música, teatros e danças. As pessoas colocavam mesas na praça e na frente de algumas casas, na rua. Enchiam elas de comidas e enfeites com folhas e frutas, que as vezes penduravam em arcos, sob os quais passavam as pessoas.

- Tudo era muito bonito e alegre! - *Ara'i seguiu* - Havia muitos desses feriados santos onde se trabalhava menos; era muito bom de ir na Redução bem durante esses dias.

9 Tupamba'e - "Pertence a Tupã", em Guarani.

10 Amamba'e - Ou "Avamba'e". "Pertence as pessoas", em Guarani.

Colocávamos um tipoã, que era a roupa que faziam e usavam lá, nos misturávamos aos parentes cristãos e participávamos das cantorias e danças! Como vinha gente de outras Reduções durante os dias dos padroeiros de cada Redução, era fácil a gente entrar e participar! Seu tio-avô, por exemplo, ganhou por anos a competição de futebol.

- Nossa Voóóó, que super legaaal! - *disse ela feliz e espantada* - Os Guaranis inventaram o futebol então, Vó?

- Mais ou menos, não era como hoje, com goleiras. Os guris e gurias um dia juntaram muita seiva de figueira numa bola, muita mesmo! Secaram com fumaça e ela ficou elástica, começou a picar! Não deu uma semana, todas as Reduções sabiam fazer e inventaram um jogo onde só podia jogar com os pés. O objetivo era fazer o adversário não conseguir devolver a bola, se ela caísse no chão era falta. Os Padres não entendiam nada, porque jogavam a mesma coisa com bolas de pano e usavam as mãos!



As duas gargalharam novamente enquanto o sol começava a se pôr, lançando uma luz laranja sobre as pedras do Arco do Cabildo.

- Hahahaha! Que legal! - *disse Poty, divertida* - Mas Vó, porque a cidade dos Guaranis cristãos não continuou até hoje? A maioria das pessoas hoje é cristã!

- Pois então, os juruás cristãos que acabaram com as Reduções!

- O que? Como assim? Mas os Guaranis não estavam a salvo porque tinham se convertido?

- Sim e não - *disse Ara'i enquanto enchia o mate novamente* - as coisas estavam dando certo demais, por assim dizer. Isso incomodou muito os jaras¹¹ dos juruás espanhóis e portugueses que moravam do outro lado do Oceano Paraguaçu...

11 Jara - Se fala "Djiara". Quer dizer "Chefe".

14

A Guerra Guaranítica e a expulsão dos Sete Povos



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

- Dando certo demais? Como isso pode ser ruim, Vó? - *perguntou Poty, confusa.*

- Esses jaras juruás eram Reis, na verdade. Eles tinham medo que o país dos parentes cristãos virasse mesmo um país! Nenhuma das cidades juruás, como Asunción e Buenos Aires produzia tanta coisa como se fazia nas Missões.

- Então era inveja! - *falou Poty, brava.*

- Um pouco... Mas era mais geografia. Eles tinham muitos outros territórios nos territórios de outros povos como nós, no mundo todo! Eram os países mais poderosos do mundo naquela época e brigavam muito para saber o que era de quem, sem nunca ter pisado um pé nesses lugares.

- ...e aqui não foi diferente né, Vó? - *disse Poty, erguendo uma sobrancelha, abrindo o rosto.*

Ara'i riu.

- Só você para me fazer rir! Sim... mas as decisões deles afetaram a vida de todo mundo. No início éramos do lado dos espanhóis. Derrotamos os portugueses em M'bororé, lembra? Só que depois nossas terras foram trocadas entre eles uma, duas, três vezes... Nunca se decidiam, nunca estavam satisfeitos!

- Que grosseirões! - *comentou Poty, enfezada de novo.*

- Sim! Só que eram esses grosseirões que tinham o poder; e um dia, tomaram uma decisão definitiva... - *Ara'i falou enquanto enchia a cuia e passava para Poty.*

- Ai, Vó... Teve uma briga, né? - *disse ela pegando a cuia com as mãos trêmulas.*

- Segure bem para não se queimar! - *avisou Ara'i, passando o mate a ela com as duas mãos.*

- Sim. - *Ara'i continuou* - Nesse dia que concordaram, mandaram uma mensagem para os Sete Povos dizendo: "Vocês tem um ano para decidir se ficam ou se atravessam o Rio Uruguai. Quem ficar, vira súdito de Portugal; quem for embora, continua súdito de Espanha".

E ora, imagine só! Os parentes cristãos ficaram muito confusos, pois ninguém esperava por isso, ainda mais vindo de gente cristã como eles! Já tinham demorado quarenta anos para voltar, depois dos bandeirantes; e agora, estavam sendo mandados embora de novo! E por outros cristãos! De novo!

- Nossa Vó, eu não sabia que as pessoas poderiam ser insensíveis desse jeito... E para onde foram nossos parentes cristãos?

- A maioria preferiu ficar e lutar! Os juruás sem coração mandaram pessoas estudadas vir riscar as linhas dos países novos e os parentes, é claro, não deixaram eles entrarem; e daí sim que os juruás ficaram bravos né? Mas nós, Guaranis, cristãos ou não, também estávamos cansados dos outros se meterem em nossas vidas desse jeito. As Reduções começaram a treinar os homens e a se preparar para a guerra. O líder geral foi o alcaide de San Miguel Arcángel, Sepé Tiarayu. Ele era muito corajoso; os Padres abandonaram os Guaranis antes, mas ele ficou e foi escolhido para liderar a resistência!

- Mas, Vó... - disse Poty, com a voz baixa - aqui em São Nicolau as pessoas falam português e não Guarani! Isso quer dizer que...

Ara'i olhou pesarosa para baixo.



Tropas espanholas entram em San Juan Bautista, no atual município de Entre-Ijuís. Adaptada de artista desconhecido, desenhada entre 1700 e 1760. Archivo de Simancas, na Espanha.

- Sim, Poty. Nós perdemos a guerra. Os portugueses se juntaram com os espanhóis, que antes nos defendiam! E nos derrotaram em Caiboaté, hoje lá se chama São Gabriel. Foi um massacre, na verdade. Eram soldados dos dois exércitos mais poderosos do mundo na época! Tinham muitas armas de fogo de todos tamanhos. Por um lado, foi até melhor que tudo acabou numa batalha só. Se a guerra continuasse muito mais pessoas inocentes morreriam, sem dúvida.

Poty puxou lentamente pela bomba, antes de Ara'í continuar.

- Aí ficou claro que os parentes cristãos haviam escolhido errado, mas a grande maioria resolveu se manter cristão e foi pro outro lado do rio depois da derrota, se juntar aos outros povos que hoje estão na Argentina. A corda sempre arrebenta na ponta mais fraca, Poty.

As duas ficaram em silêncio por alguns instantes, olhando para as ruínas.

- Então foram esses brucutus que destruíram as igrejas, Vó? - *disse ela, devolvendo a cuia vazia para a avó.*

- Não! Pelo contrário, era importante para eles não destruir nada. Afinal, eles iriam ocupar esses espaços depois. A verdade é que os portugueses deixaram que tudo se acabasse por falta de atenção...

- Ué! Mas se aqui era mais importante que Buenos Aires e Asunción! Não entendi!

- Claro, mas essas cidades são espanholas. Os portugueses não queriam aproveitar que aqui tinha gado e erva-mate, só queriam saber de cana de açúcar e do ouro das Minas Gerais! Aqui era mais interior para os portugueses do que para os espanhóis. Aí aos poucos, as pessoas foram indo embora, porque ninguém mais organizava as estâncias, as missas, as oficinas e as escolas... - *disse Ara'í olhando para o Arco do Cabildo.*

15

O roubo das igrejas e a
criação das ruínas



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o
QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Ara'i olhou para as paredes da igreja que estavam atrás delas com um certo pesar.

- A cidade era bonita... uma pena que só sobrou isso.

- Deixa eu adivinhar, Vó: como a maioria das pessoas foi embora, começou a ficar tudo abandonado, né?

- Exatamente. As famílias moravam todas numa casa só, e daí era fácil cuidar de tudo. Mas depois da expulsão, a maioria das casas e prédios ficaram abandonados. Ninguém tomou conta e tudo começou a cair.

- Até a igreja, Vó?

- No começo não, as pessoas continuaram cristãs e iam rezar. O Cabildo também continuou em uso, só que como tinha bem menos gente, com o passar do tempo os chefes foram morar em San Luis Gonzaga ou Santo Ángel Custódio, que eram mais próximas dos portugueses... Cada ano tinha menos gente nascendo em San Nicolás e mais gente mudando de cidade.

- E daí começou a cair tudo?

Ara'i ficou séria.

- Algumas casas mais distantes da praça, sim. - *disse ela bebendo lentamente o mate, recém reenchudo com água.*

- O maior problema não foi tanto a ruína do que tinha, e sim, os roubos!

- Roubos? Mas por quê isso se eles tinham tudo?

- Naquela época já não tinha mais... Virou cada família por si e logo mais gente foi embora para tudo o que é lugar. E onde não tem gato, os ratos fazem a festa né?

As duas riram.

- Entendi! Daí vieram roubar o que não pôde ser levado pelos parentes que moravam aqui!

Capítulo 15: O roubo das igrejas e a criação das ruínas

- Isso! E houveram guerras e conflitos que bagunçaram muito mais as coisas! Soldados portugueses, espanhóis, paraguaios, argentinos e uruguaios marcharam na nossa terra levando tudo o que podiam, ao longo do tempo. Entravam nas igrejas, cabildos, o que quer que estivesse em pé, e levavam tudo em carretas. Os nossos parentes cristãos eram muito bons artistas e isso sempre chamou a atenção de todos.

- Então quer dizer que só chegaram e levaram tudo? - *perguntou Poty, perplexa.*



A chave de São Nicolau. Doado ao IPHAN por Antonio Carlos Lourenço em 2024. Foto de Filipi Pompeu, 2025.

Capítulo 15: O roubo das igrejas e a criação das ruínas

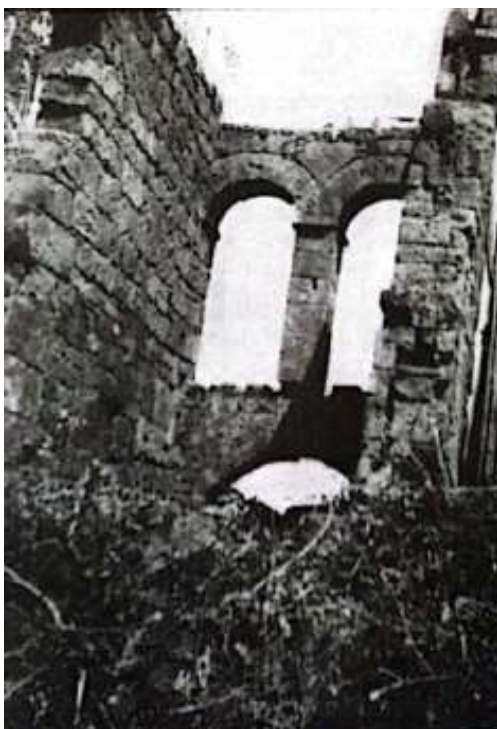
- Foi aos poucos... Durante a Guerra da Cisplatina, em 1801, que fez o Uruguai se separar do Brasil, foi quando houve o maior roubo. Eu me lembro dos soldados na igreja, no Cabildo e nas oficinas entrando e saindo pelas portas com as estátuas e objetos da missa; até mesmo com pedaços das madeiras entalhadas! Tudo que tinha algum brilho, ou tentaram arrancar, ou foi levado... Ninguém podia fazer nada.

- Nossa, Vó... Que triste. Depois de tanto trabalho dos parentes! Levaram o brilho da igreja!

- Sim. Mesmo nós que só visitávamos nossos parentes cristãos choramos junto com eles.

- No Cabildo também tinha coisas brilhantes, Vó? - *disse Poty, voltando-se para o Arco do Cabildo.*

- Não. O importante ali eram os papeis da comunidade. Tudo o que havia acontecido com os moradores das duas San Nicolás. Também foi levado e se perdeu. Talvez um dia reapareçam como essa chave que tu encontrou... Em São Nicolau, hoje, ainda podemos encontrar no chão muitas coisas daquela época... É triste, mas nem me lembro mais como era o prédio alto do Cabildo! - *disse Ara'i acompanhando o olhar de Poty para as pedras empilhadas. do Arco.*



Arco do Cabildo de San Nicolás, da época quando haviam dois arcos sobre o arco principal, antes da figueira enraizar. Data desconhecida. Adaptado de Horacio Bollini, Misiones Jesuíticas, Visión Artística y Patrimonial. 2009.

16

Uma porta se abre



Versão em audiolivro animado

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse:

www.mundomissioneiro.com.br

Poty também olhava pensativa para o Arco, ao mesmo tempo que via com sua imaginação o prédio de dois andares em toda sua antiga majestade, como se nunca tivesse sido arruinado. Se não fosse a chave e sua avó, jamais pensaria que tantas coisas haviam acontecido na pequena São Nicolau. Enquanto fantasiava de que cor seriam as vidraças e telhados do lugar, indagou a avó, sem virar a cabeça:

- Mas Vó, afinal, há quanto tempo atrás tudo isso que tu me contou aconteceu? - perguntou enquanto ouvia Ara'i fazer a bomba roncar na cuia. O mate havia acabado.

- Ah! Faz muito tempo... muito antes de sua mãe nascer. Uns 400 anos já.

- O quê...?! - Poty disse, totalmente surpresa. Quando voltou-se para a avó, viu apenas a cuia virada sobre a pedra onde ela e Ara'i estavam sentadas e escutou, como se fosse de longe:

- Poty, chetamēro¹². Quem sabe a história vive para sempre. Guarda a chave para contar isso que te contei para quem quiser saber a nossa história, porque toda a história pertence a todas as pessoas.

Aí então Poty percebeu que era um sonho e acordou. Ainda chocada com tudo e esfregando os olhos, foi a cozinha para tomar café da manhã.

- Bom dia, meu amor! - disse sua mãe - Dormiu bem?

*- Mãe! Eu tive um sonho muito estranho com a vó Ara'í!
- falou ela com os olhos vendo o reflexo de Ara'í sobre o Cabildo, através da janela de sua casa.*

12 Chetamerõ - "Minha Neta".

Capítulo 16: Uma porta se abre

E antes que sua mãe pudesse perguntar qualquer coisa, seu pai entrou em casa, com os olhos brilhantes. Ergueu a mão, onde aquela chave enferrujada pendia improvisada por um barbicacho, e disse, maravilhado:

- Olhem só o que eu acabei de encontrar no meio das pedras do Banco do Cacique! Devia ser uma porta enorme!

Ele a entrega sorrindo para Poty, que pega a chave com as duas mãos:

- Mãe! Pai! Eu sonhei que a Vó Ara'i me contou tudo! Tudo, tudinho! Eu sei tudo da nossa história!

E mais uma vez, a chave da memória girou na fechadura do passado, e a história abriu as portas de um novo ciclo.



Fim.